

Um anjo da modernidade líquida

Marco Lucchesi

Após toda uma herança de escombros e resíduos da era pós-moderna, seria preciso saber o que restou da idéia de História e de suas potências ferozes e profundas. Uma questão essa, de poesia. Da poética do tempo!

O quadro de fim da História – mal repetido por Fukuyama – e a falsa noção de um tempo linear e homogêneo, como o demonstrou Richard Sennett, em *A corrosão do caráter*, produziram o sentimento de uma indiferença que permeia os limites do Império.

De modo mais forte, Jorge Beinstein aponta para um discurso que soa assim: “a crise atual, iniciada há quase três décadas e acelerada no final dos anos 90, constitui o começo do afundamento da civilização burguesa, o que abre as portas para a sua superação ou para a sua degeneração, em formas de barbárie sem precedentes na História”.

E me pergunto se o desafio reside nos extremos. Superação e decadência. Leitura e desleitura. História e destino. Teremos de avançar por uma selva escura de questões irreduzíveis ou haverá espaço para uma viva dialética do processo?

Não tenho como responder de modo inequívoco e geral à herança desse mal-estar que nos coube, no coração da *modernidade líquida*, como disse Zygmunt Bauman, senão traçando o meu caminho irregular e nada emblemático para a História – do leitor ingênuo que fui ao leitor insatisfeito que me tornei.

O seminário ideado por Fernando M. Pessoa – pela perspectiva aberta – como que me leva a retomar o *sermo humilis* – e também narcisista – do sujeito pós-moderno.

Passo do estado sólido para o estado líquido.

Aos olhos de minha adolescência, a História não podia não ser História Universal: Livro aberto, *in-octavo*, de vastas proporções, altissonante e vertiginosa, escrita com sangue e transitando nas artérias do tempo. Fluxo de invasões. Cetros perdidos e coroas quebradas. Templos em ruínas. Arquitraves partidas. Fachadas e capitéis destroçados. Um mundo de infame sinergia. Sucessão de belezas e de escombros.

Seu estilo portanto devia ser eloqüente. A História era uma sinfonia inacabada de vidas ilustres e heróis paralelos. Crimes inomináveis. E adjetivos vibrantes. Tal como as lavas do Vesúvio soterrando Herculano e Pompéia.

Era preciso mergulhar na noite dos tempos e determinar-lhe os segredos: a cadeia de causas e de multicausas – mais compridas e difíceis que as de carbono – devia traçar um conjunto de mecanismos que desvendasse o Teatro do Mundo nas tramas espessas que o compõem e circunscrevem.

A realidade única era de ordem temporal e me decidi quase sem saber pelo historicismo. Mas não sem temor. Não sem sentir um frio na espinha.

O triunfo do tempo parecia-me líquido e certo. Os dias que se sucedem aos dias. E as gerações em trânsito do *Eclesiastes*. Seria possível prender com grilhões as asas do tempo? Transformar a Terra numa esfera imóvel pairando sobre o nada? Empréstimo mil anos a Sócrates? E outros mil a Lucrecio? Sem que os mortos enterrassem seus mortos? Ah! Seria muito passado para pouco futuro. O devir era o motor principal. A causa eficiente. E nem sequer o pensamento podia cantar vitória, diante das garras do Tempo!

Donde o frio na espinha. E o espanto de saber que as coisas acenam e passam.

Já não admitia a leitura de Cesare Cantu com aquela mesma plêiade de epígonos e a sua esturricada retórica de salão.

Antes da universidade, eu participava de um grupo de estudos de História. Nossas leituras, de fundo marxista. Desde então, a narrativa universal, arrimada em conceitos – quase sempre inconfessados – da biologia e da teologia, dissolvendo o específico do horizonte histórico, deixava de fazer sentido. O relato devia ser demarcado em terras menores, com tempos mistos, de breve e longa duração (como aprenderia pouco depois com Braudel). Tomar o factual como matéria exclusiva da História era um golpe certo contra a inteligência, que não podia trabalhar apenas com fantasmas fugazes, assombrando igrejas e palácios, desviando a atenção de outros setores sociais, que não os da elite econômica. Era preciso descer. E dar atenção à história dos *vencidos*, realizando – como disse Benjamin – uma leitura a contrapelo.

Apreciava Toynbee e Spengler, talvez porque escrevessem *menos* e melhor que Cantu. Em *A humanidade e a mãe terra*, de Toynbee, e na *Decadência do Ocidente*, de Spengler, despontavam analogias, queimavam vetores, ardiam tendências, com esquemas fechados (*desafio -resposta, cultura-civilização*). Desenhavam uma História sem rosto. Uma filosofia aplicada. Quase um roteiro de cinema, como os filmes épicos de Griffith, protagonizado pela multidão. *A humanidade* e *A decadência* viam a Terra desde Sirius. E se eu já não buscava o factual em estado bruto – como o fazia Cantu, e de segunda ou terceira-mão! – nem por isso me alegrava com uma narrativa que servia de pretexto para teses filosóficas. Mais em Spengler do que em Toynbee – é bem verdade. Mas em ambas, o *a priori* seqüestrava a vida das sociedades.

Eu sofria uma saudade universal, um desejo de voltar a todas as épocas e latitudes, como se precisasse esgotar o específico dos seres. Era uma idéia que me dominava. Daria a própria vida – ou quase – para conhecer cada indivíduo do presente e do passado, competindo com Deus (o da *Suma* de Tomás de Aquino), cujo conhecimento não deixava nada a descoberto: os indivíduos passados, presentes e futuros. E ainda por cima: os nonatos! A História e a mente de Deus queimavam minha garganta e coincidiam na mesma sede de totalidade.

O passado abria-me as portas para arrostar algumas almas. Assim... Boécio partilha comigo os dissabores do cárcere. Ovídio, cada vez mais reticente, redige os poemas do exílio. Leopardi abre seu coração nas noites de plenilúnio, afogado de tristeza. Paracelso expõe idéias que ligam profunda e estranhamente o corpo ao céu. Galileu emociona com a descoberta das luas de Júpiter, praticamente cego e vendo melhor que os contemporâneos. E Darwin escrevendo sobre a costa fluminense, depois de quase perder a vida na praia de Itaipuaçu.

Desde os meus doze anos eu esperava heroicamente compreender *o segredo* da História e das ciências. Talvez *in nuce* uma ambição desmedida. Olhava para as flores e as pedras e sonhava descobrir a secreta razão que as envolvia. Imaginava fórmulas para a máquina do tempo... Desejo de voltar ao passado e conversar com Jesus sobre a sua infância. Testemunhar a morte de Sócrates. Visitar o Egito de Amenófis IV e a teologia de seus raios. Ter os olhos claros nas primeiras imagens do Brasil. Contemporâneo de tudo, devia tomar parte nas assembléias da França revolucionária; aplaudir um drama de

Shakespeare no Teatro Globo; ir ao palácio do Czar de todas as Rússias. Máquina do tempo que operava em múltiplos canais...

No fim da adolescência, aquele grupo de História adiantou em muito o que ia ver na UFF. Meus colegas eram ótimos leitores e tinham fome de Passado. Desejo de saber onde estávamos. E talvez para aonde íamos. Mosqueteiros do tempo. Ninguém com mais de dezoito. E debatíamos: Bauer, Schaff, Glénisson, Marc Bloch. E eu espancava o positivismo, onde quer que se mostrasse. Com absoluta impiedade. Descobri a obra-prima de Vico, *A ciência nova*. E que descoberta! Nunca mais seria o mesmo. Era o adeus definitivo ao factual como alfa e ômega do tempo. As categorias me convocavam.

Comecei – afiado com a navalha da lógica formal – a freqüentar a lógica dialética. Lembro dos pressupostos de Henri Lefèbvre, de que a *nova lógica* reunia o que a metafísica antiga separava: o ser e o nada, o vazio e o pleno, a permanência e o devir, a qualidade e a quantidade. Transcrevo o que me abriu novas compreensões:

o pensamento se afirma como movimento de pensamento ao mesmo tempo em que pensamento do movimento... Esse progresso se opera através das contradições determinadas e portanto pensáveis... A noção de dialética da reciprocidade de ação e de interação permite-nos reabilitar o princípio de finalidade, despojando-o de seu caráter metafísico... O método dialético busca captar a ligação, a unidade, o movimento que engendra os contraditórios, que os opõe, que faz com que se choquem, que os quebra ou os supera...

Eu me preparava para assumir os princípios do materialismo histórico, desde a sua base dialética, que regia ao fim e ao cabo uma compreensão não perfunctória do processo. E com que estranha alegria!

Nos bancos da Federal Fluminense consolidei as leituras do alto marxismo, distinguindo-o desde cedo daquele vulgar, com o qual o confundiam os desavisados. Comecei a nutrir uma admiração por Marx, que não arrefece até hoje, depois de muros em quedas, troca de siglas e revisões políticas. Percebia no *Dezoito de Brumário* uma análise refinada da sociedade e de suas contradições. Antes dele, apenas Herder e Vico. Talvez Gibbon. E Michelet. O divisor de águas estava na inversão hegeliana. Aquele humanismo de Feuerbach assumido por Marx e com ele a inversão de sujeito e predicado no interior da

dialética hegeliana. O que me arrebatou em Marx? A passagem da interpretação para a transformação do mundo.

Naquela época, eu comparava Marx a Santo Agostinho, porque ambos se decidiam pela mudança de rumos. Agostinho criava em *A cidade de Deus* um *ethos* radical que a separava e distinguia da Cidade dos homens, submetendo a moral antiga à hipermoral do cristianismo – com seus andares superiores e intermináveis onde antes não havia mais que o térreo, rasgando espaços vertiginosos. Quanto à sua inspiração, eu me sentia bem mais próximo de as *Confissões* do que de *A cidade*. Mas era ponto pacífico haver uma ética difusa ligando Marx ao bispo de Hipona. Aquele no entanto – desde os manuscritos filosóficos de 1844 – compreende as questões celestes, como projeções ideológicas – decidindo-se pela mudança radical da Cidade dos homens, desde a acumulação primitiva do capital à mais-valia. Das estruturas pré-capitalistas aos estertores de um sistema que dava sinais de insuficiência respiratória.

A História da UFF era a capital da metodologia. As questões de fundo não apenas permeavam a construção do objeto, mas dividiam com ele o centro do debate, quando não era a própria metodologia a roubar-lhe a cena. Discussões acaloradas. E algo dramáticas. Era uma grande faculdade. Considerada então a melhor da América Latina. Mas o incêndio crescia quando Gramsci e Lucaks intervinham. E não havia bombeiros suficientes. Funcionavam como janelas abertas dentro do marxismo. Uma ponte entre a história e a literatura. Pouco depois, a trilogia de Isaac Deutscher e os livros de Agnes Heller trariam novos incêndios. Mas era preciso não morrer queimado. E – contudo – o núcleo duro do marxismo habitava o conceito de ideologia. Esse viés representou uma espécie de revolução copernicana e foi de um alcance enorme. E jamais poderá ser subestimado. Mas, tal como o *De revolutionibus* de Copérnico, Marx também deixou brechas e questões não respondidas. Um grande desafio. O caso da sociologia do conhecimento de Mannheim revelou uma extremidade nesse processo. Lucaks dedicou-lhe um livro na tentativa de o demolir, acusando *Ideologia e utopia*, de Mannheim de puro relativismo, ao passar do conceito de *ideologia* para o de *perspectiva* (*Standortsgebundenheit des Denkers*). Segundo Lucaks seria apostar no colapso da razão. Mannheim dizia no entanto: “Desde que reconhecemos que todo o conhecimento histórico é um conhecimento relacional, e só pode ser formulado com referência à posição do observador, defrontamo-nos mais uma vez com

a tarefa de discriminar o que neste conhecimento seja verdadeiro ou falso”. Apesar dos aspectos radicais, as palavras de Mannheim traziam à baila a aporia de Marx. Que abria mil portas. E fechava outras tantas.

Não tive dúvidas de que a contribuição do materialismo histórico representou uma das maiores conquistas para além do marxismo. O que se mostrava terrível era uma extensa postura universitária que radicalizava o materialismo como moralina de alta dosagem. Sobretudo no campo de uma assim chamada *verdade proletária*. A política devia reger a perspectiva. O conhecimento servia apenas para a revolução. Tudo passava a segundo plano diante do assalto que se devia desenhar contra o Estado. Lênin era o fantasma de mais alta patente. Pouco Trotski. E muito Stalin! A distância entre sindicato e academia se mostrava muito frouxa. Praticava-se uma escolástica viscosa, sem dialética, dogmatizada e empobrecida. Produzindo abortos conceituais. Bastava dominar meia dúzia de noções ordinárias e um mentecapto seria capaz de dissertar sobre qualquer assunto – desde que não o conhecesse. Mandarins do Nada. Lugares-tenentes da Barbárie. O marxismo vulgar funcionava nesse caso como um *passe-partout*. Como um talismã.

Abriam-se as jaulas da intolerância, e as matérias que se afastavam na velocidade da luz dos livros de Marx, que, quando, e se, compareciam, não passavam de fragmentos indiretamente alcançados e quebrados para dar suporte a questões despiciendas e unilaterais.

Irrespirável conviver com aquelas idéias tópicas (de uma topologia rasa, que nem chegava a se constituir numa) de infra- e superestrutura – a relação da atividade mental com o modo de produção. Cito (mas não o melhor de) Althusser:

Qualquer pessoa pode compreender facilmente que esta representação da estrutura de toda sociedade como um edifício que comporta uma base (infra-estrutura) sobre a qual se erguem os dois “andares” da superestrutura, é uma metáfora muito precisamente, uma metáfora espacial: uma tópica. Como todas as metáforas, esta sugere, convida a ver alguma coisa... que os andares superiores não poderiam “manter-se” (no ar) sozinhos se não assentassem de fato na sua base.

A parte de cima – não sendo o edifício de Agostinho – era para alguns professores um espelho baço, desprovido de mediações mais sutis que o relacionavam ao modo de

produção. Uma estalactite na caverna da burguesia decadente. Assim. E ponto final. Essa era a verdade. Se não estava em Marx, de Marx recebia *a posteriori* a chancela da má leitura. Pedi em sala a um professor que me apontasse um único compasso de Beethoven que pudesse comprovar seu compromisso com a classe dominante. E o professor, que não distinguia um sol de um ré, optou por uma saída biográfica!

Não! Não! Isso não era Marx! Abram *O capital* e vejam Dante, Homero e Shakespeare passando naquelas páginas com ironia e inteligência. Aqueles leitores de Marx deviam exclamar como Agostinho: Tarde Te conheci! Mas enquanto Agostinho se referia a Deus, aqueles senhores deviam voltar-se aos livros de Marx, tão apressadamente folheados e devolvidos à estante. A História – em cujo corpo se tatuava o finalismo da revolução – era a serva da Utopia.

E mais: a animadversão cresceu com DUBY, Le Goff e Ariès. A nuvem Carlo Ginzburg – com *O queijo e os vermes* – trouxe temporais devastadores. A História das mentalidades era o demônio que devia ser combatido. Como migalhas da Escola dos Anais. Como as sereias de Ulisses. O historiador sério não podia perder tempo com um vaso etrusco, com o vitral de uma igreja gótica, ou com os versos dos *Lusíadas*. Bastava-lhe conjugar o modo e as relações de produção. A arte sendo um mero derivado. Se as mentalidades *vencessem*, seria preciso rever todo um programa, ir a fundo nas fontes, redesenhar uma episteme, abandonar as trincheiras banais da subdialética.

Só me restava dizer, aos berros: Adeus poesia! Adeus inteligência! Adeus reflexão! Adeus dialética!

Decidi mudar de rumos. Lembro de meu discurso de formatura. Fiz uma defesa acalorada da História como desafio. Ciência e arte. Insisti na idéia de que *Wissenschaft* não significava apenas ciência, mas saber, isento da sombra inconfessada de positivismo. Provoquei com Croce. E com Vico. Defendi a leitura da História como prática da liberdade. Tinha Paulo Freire em minhas províncias. E Martin Buber. Disse atrevido que o desejo de um futuro melhor para a Humanidade não devia trazer de volta para a História a maldição do finalismo. O que também não implicava a morte das utopias reais. Era preciso construir a Utopia, mas com aquele maravilhoso equilíbrio entre matéria e sonho, nas páginas que já me raptavam de *O princípio esperança*. Ernst Bloch foi a bomba que lancei para defender as leituras mais fortes do marxismo...

O princípio esperança não foi apenas um grande livro na minha vida. Foi uma guinada. Uma volta a Marx. E para além de Marx. Aos meus olhos, Bloch realizava uma revisão do materialismo dialético, livre de reduções mecanicistas e de outras formas vulgares de apropriação do marxismo, que ameaçavam, em mais de mil equívocos, o coração de *O capital* e de *A ideologia alemã*: o compromisso com a lógica dialética – sístole e diástole de uma exegese ao mesmo tempo vasta e capilar. Era uma tomada de posição, diante de interpretações insuportáveis, que debilitavam as potências de um pensamento forte. O ponto crucial era o lugar da arte, da religião e do pensamento, em suas tênues, delicadíssimas relações com a História. Se para alguns críticos a obra de Bloch não passava de um romance filosófico – e que magnífico romance!. Para ele as forças produtivas não poderiam jamais esgotar – como quiseram alguns – um compasso de Mozart, um relevo de Ghiberti ou um verso de Shakespeare. A projeção utópica do ideal...

Terminei dizendo que devíamos buscar novas propostas. Que não etiquetassem o pensamento humano como o fantasma do real. A antropologia apontava para outros caminhos. Seria preciso embaçar os olhos com a neblina da História. Reconhecer o processo como dotado de maravilhosas contradições, em que somos, ao mesmo tempo, livres e condicionados, plurais e singulares, filhos do tempo longo e do tempo breve, da vasta superfície e dos abismos sem fundo. E no seio dessa tensão, uma vida por viver. E transformar.

Comecei este ensaio apontando para uma espécie de horizonte em ruínas, marcado por vazios e talvez abandonado pelo anjo de Benjamin. Depois de tantas críticas e reparos, não deixei de acreditar nesse anjo ou no ícone que para Michael Hardt e Antonio Negri parece ressurgir das cinzas do Império, dentro de uma lógica diversa do pensador alemão. Trata-se de Francisco de Assis. Um programa do estado líquido para o estado sólido:

Examine-se a sua obra. Para denunciar a pobreza da multidão ele adotou essa condição comum e ali descobriu o poder ontológico de uma nova sociedade. O militante comunista faz o mesmo, identificando na condição comum da multidão sua enorme riqueza. Francisco, em oposição ao capitalismo nascente, recusou todos os instrumentos de disciplina, e em oposição à mortificação da carne (na pobreza e na ordem constituída) propôs uma vida de alegrias, incluindo todos os seres e a natureza, os animais, a irmã lua, o irmão sol, as aves do campo, os

humanos pobres e explorados, juntos contra a vontade de poder e corrupção. Mais uma vez na pós-modernidade, encontramos-nos na situação de Francisco, propondo contra a miséria do poder a alegria do ser.